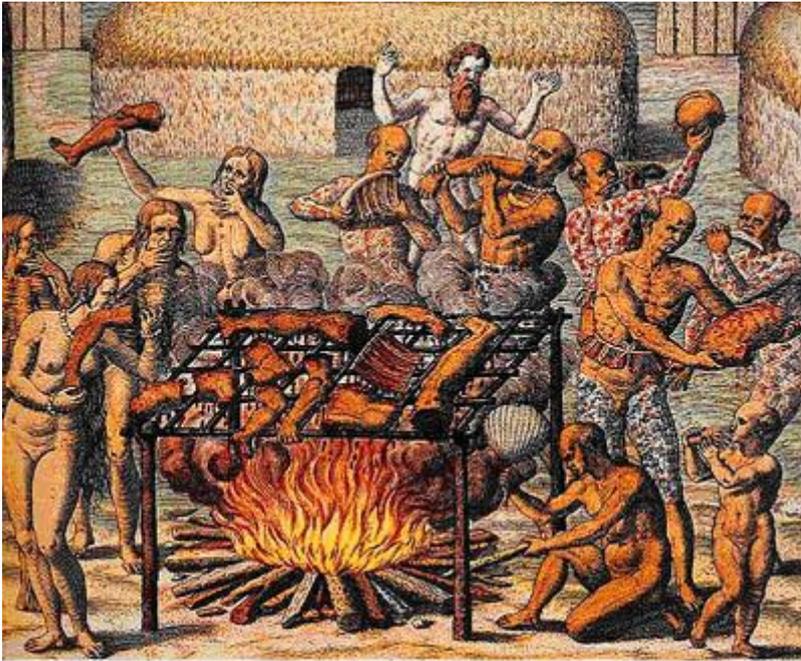


## Uma Sociedade Libertária nos Trópicos

José De Nicola Neto

para Lucas Santiago

“Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.”  
(Oswald de Andrade, Manifesto Antropófago)



O OLHAR ESTRANGEIRO SOBRE O BRASIL: **Gravura de Theodore de Bry (1592)**

A gravura do holandês Theodore de Bry (nascido em 1528) retrata um ritual de canibalismo dos índios tupinambás. Era costume, entre vários povos indígenas, comer seus adversários; acreditavam que com isso o espírito guerreiro do inimigo se incorporava ao seu. O homem branco, que acompanha horrorizado a cena em que os índios comem pedaços de carne humana, seria o alemão Hans Staden, que, em 1554, foi feito prisioneiro pelos índios tupinambás no litoral de São Paulo.



O OLHAR ESTRANGEIRO SOBRE O BRASIL: **Albert Eckhout. *Índia Tarairiu*, óleo sobre tela (1641)**

O holandês Eckhout (nascido em 1610) veio para o Brasil a convite de Maurício de Nassau, durante a invasão holandesa. Na tela, temos retratada uma mulher do grupo dos tarairiús, indígenas que habitavam no Rio Grande do Norte. Eckhout, em seus retratos, tanto valoriza o elemento humano como a paisagem tropical que o envolve. Observe nessa índia alguns acréscimos e traços europeizantes, como as sandálias, e a ênfase à prática antropofágica: no cesto que carrega às costas, como se fosse um fruto tropical, um pé humano.

Ana Maria Beluzzo, em texto para o catálogo da XXIV Bienal de São Paulo, cujo tema foi 'Antropofagia e histórias de canibalismo', comenta: "Na fabulação desencadeada com o ciclo das descobertas, o homem sonha com míticos Eldorados ao sul do Equador. O Éden encontra-se na América, onde vive o bom selvagem. Em contrapartida, a quarta parte do universo recentemente descoberta corresponde aos mundos inferiores - *inferus* em grego, raiz da palavra inferno -, com seus monstros marinhos, abismos povoados de criaturas insólitas e tribos de comedores de carne humana. O *bom selvagem* e o *canibal*, a visão paradisíaca e a visão infernal são efetivamente as metáforas mais freqüentes reproduzidas pelos europeus sobre o homem e a terra americana ao longo dos séculos XVI e XVII."

Sempre que descrevemos algo muito particular ou mesmo absolutamente novo, apoiamo-nos em alguns referentes que supomos devidamente conhecidos por nossos eventuais interlocutores; trata-se de, por meio de comparações, introduzir o conhecido

no desconhecido.

Assim procedeu, por exemplo, Pero Vaz de Caminha quando descreveu o osso arredondado que alguns índios usavam no lábio inferior: “Metem-nos [os ossos] pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez...”. Ora, supunha Caminha que os leitores de sua Carta conhecessem xadrez e, em particular, a peça que chamamos ‘torre’ (ou ‘roque’) e relacionassem o formato arredondado da parte superior dessa peça ao osso referido. Ou então, para passar uma imagem idealizada do clima do sul da Bahia, Caminha estabelece um paralelo com os “ares frescos e temperados de Entre-Douro-e-Minho” (região ao norte de Portugal).

Ao longo de todo o século XVI e avançando até meados do século XVII, assim procederam outros europeus que descreveram a terra, a fauna, a flora e, principalmente, as gentes que habitavam estas terras tropicais. As referências refletiam uma visão de mundo eurocêntrica, incluindo aí uma ordem social tipicamente absolutista e mercantilista, em tudo distinta da ordem social, moral e cultural dos índios.

É o que podemos perceber nos fragmentos selecionados de Pero de Magalhães Gândavo, um português renascentista, bom gramático, professor de latim, amigo de Camões, que por aqui andou lá pelos idos de 1565/70.

### **Tratado da Terra do Brasil**

Não se pode numerar nem compreender a multidão de barbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode pelo sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não acha povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e assi como são muitos permitiu Deos que fossem contrarios huns dos outros, e que houvesse entrelles grandes odios e discordias, porque se assi não fosse os portuguezes não poderião viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente.

Havia muitos destes índios pela Costa junto das Capitánias, tudo enfim estava cheio delles quando começarão os portuguezes a povoar a terra; mas porque os mesmos índios se alevantarão contra elles e fazião-lhes muitas treições, os governadores e capitães da terra destruirão-nos pouco a pouco e matarão muitos delles, outros fugirão pera o Sertão, e assi ficou a costa despovoada de gentio ao longo das Capitánias. Junto dellas ficarão alguns índios destes nas aldêas que são de paz, e amigos dos portuguezes.

A lingua deste gentio toda pela Costa he huma: carece de tres letras, não se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.

Estes índios andão nós sem cobertura alguma, assi machos como femeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu. (...) Não ha como digo entre elles nenhum Rei, nem Justiça, sómente em cada aldeã tem hum

principal que he como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força; mas não castiga seus erros nem manda sobrelles cousa alguma contra sua vontade. (...) Não adorão cousa alguma nem têm pêra si que ha na outra vida gloria pera os bons, e pena pera os maos, tudo cuidão que se acaba nesta e que as almas fenecem com os corpos, e assi vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida.

Estes indios sã mui belicosos e têm sempre grandes guerras huns contra os outros; nunca se acha nelles paz nem he possivel haver entrelles amizade; porque humas nações pelejão contra outras e matão-se muitos delles, e assi vai crescendo o odio cada vez mais e ficão imigos verdadeiros perpetuamente. (...) Gente he esta mui atrevida e que teme muito pouco a morte e quando vão á guerra sempre lhes parece que têm certa a victoria e que nenhum de sua companhia hade morrer.

Finalmente que são estes indios mui deshumanos e crueis, não se movem a nenhuma piedade: vivem como brutos animaes sem ordem nem concerto de homens, são mui deshonestos e dados á sensualidade e entregão-se aos vicios como se nelles não houvera rezão de humanos ainda que todavia sempre têm resguardo os machos e as fêmeas em seu ajuntamento, e mostrão ter nisto alguma vergonha. Todos comem carne humana e têm-na pela melhor iguaria de quantas pode haver: não de seus amigos com quem elles têm paz se não dos contrarios. Tem esta qualidade estes indios que de qualquer cousa que comão por pequena que seja hão de convidar com ella quantos estiverem presentes, só esta proximidade se acha entrelles.

(**GÂNDAVO, Pero de Magalhães.** *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Na Internet:

<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/acervo/literatura/autores/peromgandavo/terrabrasil>)

À época dos descobrimentos e do início da colonização, Portugal vivia o apogeu do absolutismo, no plano político, e do mercantilismo, no plano econômico. “Os tempos eram propícios ao estabelecimento do absolutismo monárquico que, contando ainda com a teoria cristã da origem divina do poder, estava destinado a brilhante futuro. Portugal não escapou a essa tendência predominante no Ocidente europeu. Assim, o absolutismo, acrescido ao seu corolário da centralização, apresenta-se como o traço fundamental da monarquia portuguesa no século XV.” (1) Temos, assim, um Estado autoritário que se sustentava na doutrina de **‘um único rei, uma única fé, uma única lei’**.

Mas não podemos perder de vista que a aventura expansionista lusitana só se tornou viável por contar com o apoio do capital burguês, conseqüência de uma aliança entre a burguesia incipiente e o rei (Portugal, com a Revolução de Avis, foi pioneiro em associar um Estado nacional a interesses mercantis). Temos, assim, uma organização econômica em que **pesos, medidas, contabilidade** são elementos fundamentais.

Finalmente, convém salientar que a Igreja apoiava e justificava essa aventura já que, entre outros objetivos, estava a dilatação da fé, a derrocada das “terras viciosas de África e Ásia” (nas palavras de Camões) e, quem sabe, o achamento do Éden terrestre.

Mas o que encontrou aqui, nesta terra de Santa Cruz, Pero de Magalhães Gândavo?

Uma outra forma de organização social, com outros valores morais, tão distintos da ordem européia que o deixavam ora basbaque, ora indignado, ora furioso, a ponto de justificar a matança (in)discriminada dos índios: afinal, eram bárbaros, criados pela natureza, tão numerosos e tão cruéis que Deus permitiu que as várias tribos se odiassem e se eliminassem; eram, portanto, uma afronta a Deus e aos conquistadores. Sobreviveram os “que são de paz” (estranho conceito!) e amigos dos portugueses, é lógico!

Viviam “desordenadamente” aqueles selvagens, tinham o grave defeito de não se sujeitar a uma ordem política. Afinal, do alfabeto da língua nativa não constavam três letras que introduziam três pilares do absolutismo: o **F**, o **L** e o **R**, a saber, a **Fé**, a **Lei** e o **Rei**.

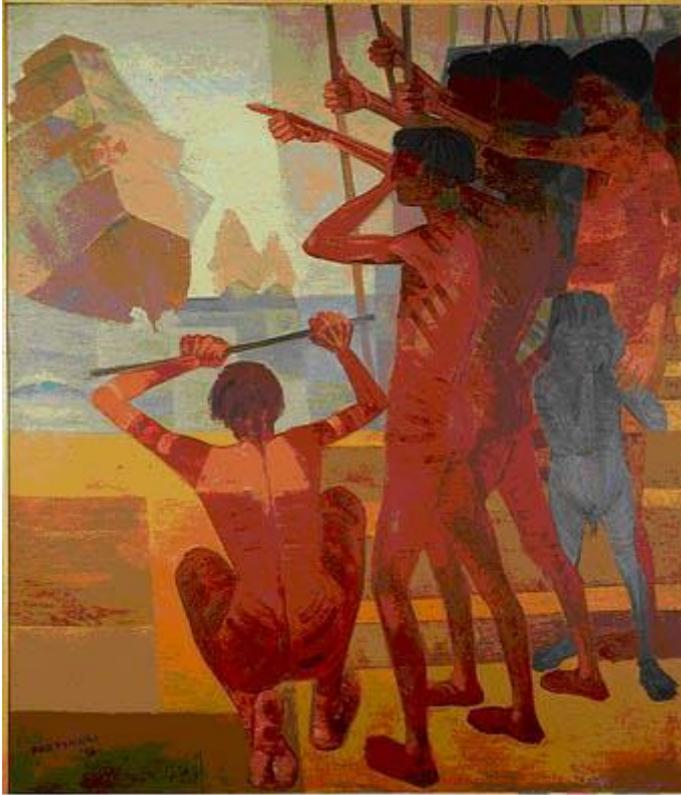
Sutilmente, Gândavo aponta a ausência de outras três letras (que alfabeto mais esburacado!): o **C**, o **P** e o **M**, o que tornava absolutamente inviável uma sociedade segundo os padrões do mercantilismo, já que não faziam Contas, não tinham Pesos nem Medidas. Em outras palavras, não faziam comércio, não acumulavam riquezas; viviam “bestialmente”, como animais inferiores.

E que estranha ordem social e moral! Têm o atrevimento de ir para a guerra sem temer a morte e pensando em... vitórias! Realmente, são “mui desumanos, desonestos, sensuais e entregues aos vícios”, vivem como “brutos animais”, carentes da razão humana. Mas o que nos relata, em seguida, o cronista lusitano? Que os casais têm o hábito de preservar seus momentos de intimidade; protegem seus amigos e com eles dividem o alimento; vivem em aldeias e “têm um principal que é como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força” e esse capitão não castiga os erros dos demais índios nem manda coisa alguma contra a vontade deles. Em outras palavras, a negação do poder real absolutista.

A solidariedade indígena é comentada por Gândavo em outro texto: “em casa vivem todos muito conformes, sem haver nunca entre eles nenhuma diferença: antes são tão amigos uns dos outros, que o que é de um é de todos, e sempre de qualquer coisa que um coma, por pequena que seja, todos os circunstantes hão de participar dela” (2).

Temos, assim, o relato de uma sociedade **solidária**, **igualitária** e **despretensiosa**. E o mais curioso é que esse conceito de organização política, social e moral, que deveria ser entendido como a verdadeira Idade de Ouro (ou Eldorado), foi desprezado e negado pelos conquistadores justamente por colocar em xeque a ordem social européia.

\*\*\*\*\*



**O OLHAR BRASILEIRO SOBRE O ESTRANGEIRO: Cândido Portinari. *O descobrimento do Brasil*, óleo sobre tela (1956)**

Cândido Portinari inverte o jogo do século XVI: se nos textos e desenhos dos viajantes temos o ponto de vista do homem europeu, na tela do pintor brasileiro temos o ponto de vista dos nativos. Note que o observador se encontra no continente, ao lado dos índios, que formam o primeiro plano e os navios estão mais afastados (segundo plano); por isso, os índios estão de costas ou de perfil e vemos a proa dos navios. É o ponto de vista do conquistado, do brasileiro. Na tela de Portinari, podemos perceber a reação dos índios ante a chegada das caravelas: os nativos apresentam um misto de espanto, medo e curiosidade; um aponta o dedo indicador para as caravelas; outro cobre os olhos; num sugestivo tom de azul, a criança aterrorizada, de frente para o observador. Outro detalhe que merece um comentário: a primeira caravela, de proporções gigantescas, ameaçadora, dirige-se em alta velocidade à terra (repare na proa cortando a água).

Quatrocentos anos depois, na virada do século XIX para o século XX, também vindos das distantes terras européias, em não tão alegres e festejados navios, desembarcaram operários, artesãos, lavradores fugidos da miséria que grassava em terras italianas e espanholas. Em suas rotas malas e arcas traziam utopias, algumas de coloração avermelhada como a tinta que escorria daquele pau chamado brasil. Imaginavam uma nova ordem social **solidária** e **igualitária**, livre dos dogmas da Igreja, do poder autoritário do Estado e da moral burguesa. Essa era a base das chamadas **idéias libertárias** do movimento anarquista. É interessante notar que “os libertários situam a origem das desigualdades sociais no instituto da propriedade privada, que permite a exploração do homem pelo homem, reduzindo a grande maioria dos indivíduos à opressão econômica,

social e política”. (3)

Mas haveria um momento na história da humanidade em que os homens conseguiram se organizar em uma sociedade libertária? O jornal anarquista *La Battaglia*, editado em São Paulo, em sua edição de 30/09/1906, afirmava:

“... existiu uma época na qual a terra e o produto do solo pertenciam de fato e de direito a todos os seres humanos. (...) cada qual trabalhava para a tribo de que fazia parte e vivia na mais ampla liberdade. Não existiam governos, não existiam leis, nem fronteiras, nem exércitos, nem privilégio econômico, nem o açambarcamento dos bens, nem o direito particular de propriedade e de sucessão”. (3)

Uma sociedade libertária com a qual Gândavo se defrontou e não entendeu.

Ou não quis entender, o que é pior.

(1) HOLANDA, Sérgio B. de & CAMPOS, Pedro M. (Org.). *História geral da civilização brasileira*. 7ª ed., São Paulo: Difel, 1985. vol. 1, p. 15)

(2) GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *História da província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

(3) MAGNANI, Sílvia I. L. *O movimento anarquista em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

[Voltar à biblioteca](#)